OLHARES DOS ADOLESCENTES SOBRE OS HÁBITOS DE CONSUMO E A GERAÇÃO DE RESÍDUOS EM LAGARTO/SE

Rosana Rocha Siqueira [1], Maria Augusta Mundim Vargas[2]

[1]Mestranda PRODEMA, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFS Universidade Federal de Sergipe Servidora do IFS (Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia de Sergipe) – e-mail: hosanalilas393@yahoo.com.br

[2]Professora Doutora do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe NPGEO e do Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente PRODEMA. amundim@infonet.com

Resumo: Este artigo, busca apresentar breves olhares dos adolescentes estudantes do ensino médio do IFS Campus Lagarto, em relação a seus hábitos de consumo e problemáticas socioambientais, como a geração de resíduos na cidade de Lagarto/SE. Trata-se de uma pesquisa exploratória bibliográfica e de campo realizada no período de janeiro a maio de 2012. Participaram da amostra 60 alunos das turmas de edificações, eletromecânica e informática, que puderam responder a um questionário com questões abertas e de múltipla escolha. Após a coleta dos dados, foi possível realizar análise de conteúdo baseada em Bardin (1977). Observou-se que a maioria dos adolescentes tem a percepção que seus hábitos de consumo influenciam no âmbito socioambiental, principalmente na geração de resíduos da cidade de Lagarto. Percebe-se que os adolescentes sentem-se motivados a participar de ações que possam reverter o quadro negativo atual, embora sintam-se limitados pela falta de projetos.

Palavras–chave: adolescente, consumo, resíduos

1. INTRODUÇÃO

Diante dos diversos estudos sobre desenvolvimento sustentável, a relação entre hábitos de consumo e geração de resíduos ganha espaço na mídia e nas pesquisas acadêmicas. Este artigo busca apresentar uma breve reflexão sobre a percepção dos adolescentes quanto aos seus hábitos de consumo e a geração de resíduos na cidade de Lagarto/SE.

Os adolescentes participantes da pesquisa são estudantes do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, Campus Lagarto, localizado a 75 km da capital Aracaju.

Estes adolescentes com idades entre 14 e 18 anos incompletos fazem parte do universo de estudo de uma pesquisa mais ampla intitulada “Adolescentes e o consumo sustentável: percepções e estilos de vida” subsidiada em nível de mestrado pelo Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente (PRODEMA/UFS).

Neste contexto, diversos segmentos da sociedade são instigados a pensar em soluções que possam minimizar os efeitos do aumento dos níveis e padrões de consumo, e equalizar situações socioambientais de extrema desigualdade, nas quais ainda observamos famílias em estado de miserabilidade.

A matéria do Jornalista Michel Oliveira para o Jornal Cinforme (Sergipe) traz o título: “Sustentados pelas sobras da exclusão”, um exemplo de como a problemática da falta de gestão de resíduos tornou-se grave. Na figura 01 pode observar catadores do lixão do Bairro Santa Maria (Chamado de Aterro Controlado) lutando pelos resíduos de um *shopping Center* da capital Aracaju.

A reportagem informa ainda que mais de 15% da população do Estado de Sergipe vive em situação de extrema miséria, o que significa a dura realidade de famílias com renda mensal em torno de R$ 70,00 reais.

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

CINFORM

UITOS CATAM PARA LAVAGEM, OUTROS PARA COMER", DENÚNCIA ELENICE CONCEIÇÃO, 37 ANOS

Lixo de shoppings, banquete de pobre

Figura 01- Reportagem do Jornal Cinforme sobre a problemática dos resíduos em Sergipe. Fonte: Jornal Cinforme, 22 de Abril de 2012.

A realidade nas cidades do interior do Estado de Sergipe não é muito diferente, neste contexto o próprio cidadão encontra-se constrangido em não saber o que fazer para ajudar a resolver estes problemas. Segundo Vilar et. al (2009, p. 117) a cidade de Lagarto gera cerca de 27.062.40 Kg/mês de resíduos sólidos domésticos, considerando uma população urbana de cerca de 45.104 (hab.-2007), o que apresenta parte do ônus provocado pelo aumento dos níveis de consumo na região. Observam-se assim realidades contraditórias entre consumo, desperdício e situações de vulnerabilidade socioeconômica.

Atualmente fala-se muito no papel social do consumidor-cidadão, como se a prática da cidadania estivesse atrelada ao ato fundamental de consumir. Percebe-se que enquanto estes papéis forem confundidos estaremos longe da prática do que o Relatório de Brundtland (1987) conceitua como desenvolvimento sustentável "[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas necessidades". Com efeito, o relatório alertou ainda em 1987, sobre a necessidade de reflexão acerca dos padrões de consumo:

> Os padrões de vida que vão além do mínimo básico só são sustentáveis se os padrões de consumo em todos os lugares têm em conta a sustentabilidade de longo prazo. No entanto, muitos de nós vivem além dos meios ecológicos do mundo, a exemplo, dos nossos padrões de consumo de energia. Necessidades percebidas são socialmente e culturalmente determinadas, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção dos valores que estimulem padrões de consumo que estejam dentro dos limites do possível e ecológico para o qual todos podem razoavelmente aspirar. (RELATÓRIO DE BRUNDTLAND, 1987).

Neste sentido, surge a necessidade do uso racional destes recursos e da sensibilização do consumidor quanto aos seus hábitos, ampliando o entendimento a cerca das ações de consumo sustentável.

> Entende-se por Consumo Sustentável o consumo de bens e serviços promovido com respeito aos recursos ambientais, que se dá de forma que garanta o atendimento das necessidades das presentes gerações, sem comprometer o atendimento das necessidades das futuras gerações. A promoção do Consumo Sustentável depende da conscientização dos indivíduos da importância de tornarem-se consumidores responsáveis. Depende ainda de um trabalho voltado para a formação de um consumidor-cidadão. Esse trabalho educativo é essencialmente político, pois implica a tomada de consciência do consumidor do seu papel de ator de transformação do modelo econômico em vigor em prol de um novo sistema, de uma presença mais equilibrada do ser humano na Terra. (FURRIELA, 2001 p.1).

Torna-se importante conhecer a percepção dos adolescentes sobre as problemáticas socioambientais, como forma de fomentar a reflexão sobre seus próprios hábitos e seu papel como agente de mudança.

Segundo o censo de 2007 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 18,5% da população brasileira encontra-se na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade, sendo que no Estado de Sergipe a população entre 10 e 24 anos é de aproximadamente 36% [1].

Por uma ótica reducionista, pode-se considerar que os adolescentes são o "futuro da nação", pois em breve irão compor a grande parcela economicamente ativa da sociedade, portadora de "crédito" e amplo poder de escolha. Por outro lado, a mesma juventude promotora de mudanças futuras é estereotipada como perigo potencial, uma vez que a adolescência está rotulada de forma pragmática a quadros de irresponsabilidade, delinqüência e rebeldia.

Desta forma surge ainda uma terceira categoria de análise, que observa o adolescente como a parcela de um mercado consumidor em expansão, do qual deve-se destinar muita atenção ao perceber as novas tendências e canais de comunicação através das mídias.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória bibliográfica e de campo, realizada no IFS Campus Lagarto no período de janeiro a maio de 2012. O universo da pesquisa foi composto por 137 estudantes do ensino médio integrado do IFS Campus Lagarto, das turmas de edificações, eletromecânica e informática.

Participaram da amostra 60 alunos das turmas supracitadas, que puderam responder a um questionário com questões abertas e de múltipla escolha. Após a coleta dos dados, foi possível realizar análise de conteúdo baseada em Bardin (1977).

3. ANÁLISE E DISCUSSÕES

A preocupação com as questões ambientais e o desenvolvimento sustentável tornou-se temas amplamente divulgados pelos veículos de comunicação. Embora vários autores esclareçam sobre o perigo da crise ambiental se tornar "slogan" um "clichê" (Camargo, 2007).

Esta preocupação pode ser representada pelo choque entre as visões econômica e ecológica que parecem opostas, e a apropriação de termos como "sustentável" ou "ecológico" para o avanço da competitividade, criação e ampliação de novos mercados consumidores.

Durante a realização da Conferência Rio+20, que ocorreu entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro, os hábitos de consumo e estilos de vida foram temas de diversos debates, por representarem situações conflitantes: graves problemáticas ligadas à degradação dos recursos naturais, à produção de resíduos, a obsolescência programada e indicadores de desigualdade entre os que consumem em excesso e aqueles que não possuem o mínimo para subsistência.

Por outro lado a possibilidade de escolha entre variados estilos de vida representa oportunidades de ampliação da chamada economia verde. Segundo Zarref apud Antunes (2011, p.5) "A economia verde é uma tentativa do capital de se utilizar da questão ambiental para criar novas formas de acumulação". Para Leff seriam necessários esforços em prol de uma nova racionalidade pautada em princípios ecológicos e da termodinâmica:

---

[1]Segundo dados da Secretaria do Estado da Saúde de Sergipe disponível em: <www. Conass.org.br/arquivos/file/apresenta_conte comigo_se.pdf> acesso 12.05.2010. Considerando população de em torno de 1784.89 hab.

> Nesse sentido, o comportamento econômico deveria desenvolver-se como uma extensão dos sistemas vivos, submetendo-se a economia ao sistema mais amplo da ecologia humana, e reconstruindo-se a racionalidade econômica a partir dos princípios da ecologia e da termodinâmica." (LEFF 2006, p.184).

De acordo com Sachs (2011, p. 04) "Mais do que nunca, devemos abandonar a ilusão de que os mercados, deixados a si mesmo, sabem se auto-regular." Considerando a flexibilidade, a globalização e a virtualidade do capital e dos negócios, as fronteiras mundiais não são mais obstáculos para expansão dos mercados consumidores, muito menos os recursos naturais frente ao poder do capital estrangeiro. Para Ribeiro (2011) "É imprescindível atacar as causas das crises, os padrões de produção e consumo, a apropriação da natureza pelas transnacionais".

Neste sentido, as perspectivas do desenvolvimento sustentável não devem limitar-se a estabelecer um corpo de normas que controlem as tendências dos padrões de produção e consumo [...] mas orientar a construção de um paradigma de desenvolvimento sustentável a partir de processo eco tecnológicos baseados no potencial produtivo dos sistemas vivos e da organização cultural." (LEFF 2006, p.188).

Diante destas dinâmicas os adolescentes são inseridos como agentes de mudanças, tanto no âmbito das ações presentes quanto futuras. Vários sites de ONGs ligadas à educação ambiental e as questões relativas ao consumo sustentável indicam que o estilo de vida das pessoas podem informar a respeito do que elas pensam e de seu potencial de ação individual e coletiva para a mudança. Desta forma o estudo voltado para o cotidiano das pessoas deve ser reconhecido como importante fonte de dados para ações governamentais mais amplas.

Torna-se importante fomentar o debate e a reflexão entre o público adolescente com vista a familiarizá-lo sobre a pertinência e gravidade destas questões em seu cotidiano, buscando assim soluções para minimizar tais problemáticas.

De acordo com os dados,78,33% dos adolescentes entrevistados acreditam que seus hábitos de consumo interferem na produção local de resíduos, correlacionando inclusive com o agravamento na disposição de resíduos no "lixão do Bairro Santo Antônio" (em Lagarto /SE), no qual registra-se a presença de catadores e criação de animais no local. Para 13,33% dos adolescentes as escolhas de consumo não interferem nas problemáticas socioambientais da cidade. Assim, é percebido que a maneira como a população internaliza tais problemáticas interfere na sensibilização dos moradores e na própria gestão dos resíduos no município de Lagarto.

Em referência a separação de material reciclável para coleta seletiva ou destinada a catadores existem dissonâncias entre as respostas, considerando que 31,67% afirmaram separar os resíduos, embora somente 13,33% destinam a catadores. Dentre aqueles que separaram para "coleta seletiva" ocorre um lapso de percepção, uma vez que na cidade de Lagarto não há coleta seletiva de resíduos.

É comum a presença de pessoas revirando os sacos de resíduos a procura de objetos para reciclagem ou reuso (figura 02), por este motivo alguns moradores já deixam separadas as embalagens que possam ser aproveitadas (figura 03). Pode-se observar ainda a falta de sensibilização de alguns moradores que descartam resíduos nas vias públicas da cidade (Figura 04) e em terrenos baldios.

Figura 02 – Mulher revirando sacos de resíduos na rua em Lagarto. Fonte: Rosana Rocha Siqueira, 2011.

Figura 03 – Pequeno gesto de moradores que desejam colaborar com os catadores em Lagarto. Fonte: Rosana Rocha Siqueira, 2011.

Figura 04 – Deposito irregular de resíduos nas ruas em Lagarto. Fonte: Rosana Rocha Siqueira, 2011.

Dentre os adolescentes 63,33% compreendem a gravidade da situação e indicam não separar os resíduos recicláveis por falta de opção, afirmando inclusive que gostariam de participar de campanhas deste tipo. Em relação à cidade de Lagarto, 60% dos estudantes entrevistados percebem a falta de projetos e ações em prol do meio ambiente o que de fato precisa ser repensado pelas instituições, iniciativa privada e poder público.

Neste contexto, 51,67% dos estudantes acreditam que seus hábitos podem prejudicar o meio ambiente, em contraponto a outros 30% que não acreditam que suas ações possam causar prejuízos. Diante do exposto pode-se dizer que a maioria dos adolescentes (36,67%) tem opiniões antagônicas, que observam de forma conjunta aspectos positivos e negativos da possível redução dos níveis de consumo. Por conseguinte 35% dos entrevistados tem uma opinião pessimista quanto a redução dos níveis de consumo, enquanto para 25% dos adolescentes a redução do consumo traria benefícios como: qualidade de vida, redução das desigualdades, respeito ao meio ambiente entre outros.

Quanto combate ao desperdício de alimentos, 40% dos adolescentes afirmaram deixar comida no prato, enquanto 51,67% indicaram que não o fazem. Este tipo de desperdício inicia-se na produção e beneficiamento dos alimentos, prosseguindo no transporte, venda e manuseio nos lares brasileiros, que em sua maioria não possuem o hábito de reaproveitar cascas, talos e principalmente não comprar em demasia.

Deve-se lembrar que todo este descarte ocupa espaço também nos lixões e aterros, considerando que centenas de toneladas de alimentos são desperdiçadas enquanto milhões de pessoas sofrem com o problema da fome no Brasil e no mundo.

Neste sentido 58,33% dos estudantes indicaram combater o desperdício, enquanto 31,67% ainda não atuam neste âmbito. No hall de ações selecionadas no combate ao desperdício encontram-se como foco: a água (33,33%), energia elétrica (31,67%) e outros aspectos (8,33% - alimentos, objetos em bom estado, brinquedos, roupas). Todas estas dinâmicas são claras aos olhos dos estudantes participantes da pesquisa:

"Não [reciclo], vai tudo para o lixão"

Não separa e também não tem coleta seletiva"

"O lixo não é separado, pois é destinado a um lixão"

Neste contexto, 51,67% dos estudantes acreditam que seus hábitos podem prejudicar o meio ambiente, em contraponto a outros 30% que não acreditam que suas ações possam causar prejuízos. Diante do exposto pode-se dizer que a maioria dos adolescentes (36,67%) tem opiniões antagônicas, que observam de forma conjunta aspectos positivos e negativos da possível redução dos níveis de consumo. Por conseguinte 35% dos entrevistados tem uma opinião pessimista quanto a redução dos níveis de consumo, enquanto para 25% dos adolescentes a redução do consumo traria benefícios como: qualidade de vida, redução das desigualdades, respeito ao meio ambiente entre outros.

Quanto combate ao desperdício de alimentos, 40% dos adolescentes afirmaram deixar comida no prato, enquanto 51,67% indicaram que não o fazem. Este tipo de desperdício inicia-se na produção e beneficiamento dos alimentos, prosseguindo no transporte, venda e manuseio nos lares brasileiros, que em sua maioria não possuem o hábito de reaproveitar cascas, talos e principalmente não comprar em demasia.

Deve-se lembrar que todo este descarte ocupa espaço também nos lixões e aterros, considerando que centenas de toneladas de alimentos são desperdiçadas enquanto milhões de pessoas sofrem com o problema da fome no Brasil e no mundo.

Neste sentido 58,33% dos estudantes indicaram combater o desperdício, enquanto 31,67% ainda não atuam neste âmbito. No hall de ações selecionadas no combate ao desperdício encontram-se como foco: a água (33,33%), energia elétrica (31,67%) e outros aspectos (8,33% - alimentos, objetos em bom estado, brinquedos, roupas).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto considera-se que as ações em prol do desenvolvimento sustentável não devem ser pautadas na recriação de um a economia que apropria-se da problemáticas ambientais para renovar e ampliar seus mercados consumidores, uma vez que os problemas socioambientais estarão presentes para testemunhar a ineficiência de ações pensadas em curto prazo, e aumentarão o ciclo de problemas ainda maiores advindos da degradação ambiental e de problemas como a violência, o desemprego e a estagnação do indivíduo em sua perspectiva cidadã.

O chamado reflexivo deve incluir todas as esferas da sociedade, inclusive os adolescentes que logo estarão no mercado de trabalho e ampliaram consideravelmente seu poder de compra e escolha.

Observou-se que a maioria dos adolescentes tem a percepção que seus hábitos de consumo influenciam no âmbito socioambiental, principalmente na geração de resíduos da cidade de Lagarto. Percebe-se que os adolescentes sentem-se motivados a participar de ações que possam reverter o quadro negativo atual, embora se sintam limitados pela falta de projetos. Exercitar o olhar crítico deste adolescente, enquanto estudante, ainda no recinto da escola potencializa consideravelmente suas chances de transformar reflexão em ação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradutores L.A. Reto & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMARGO, A. L. **Desenvolvimento Sustentável**. Dimensões e Desafios. 3.ed. Campinas: Papirus, 2003.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Relatório de brundtland, nosso futuro comum**. 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm> acesso em 22.10.09.

FURRIELA, Rachel Biderman. **Educação para o consumo sustentável.** Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente - Programa Conheça a Educação do CIBEC/INEP- MEC/SEF/COEA, 2001. 9 p.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza.** Trad. Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, M. Sustentados pelas sobras da exclusão. **Jornal Cinforme**, Aracaju, 22 abr. 2012.

RIBEIRO, Silvia. **As novas fronteiras da mercantilização da natureza**. Le Monde Diplomatique Brasil, Instituto Polís, São Paulo, n. 53, p. 10-1, dez. 2011.

SACHS, I. **Os desafios da segunda Cúpula da Terra do Rio de Janeiro**. Le monde diplomatique Brasil. 2011, p.05 -07.

VILAR, J. W. C. et al. (Coord.). **Plano de Regionalização da Gestão de Resíduos Sólidos do Estado de Sergipe**. SEMARH/FUNCEFET, 2009. 117p. CD-ROW.

ZARREF, L. In: ANTUNES, A. **Economia Verde**: As contradições do discurso ambiental no cerne do sistema capitalista. Revista Poli- Saúde, educação e trabalho, n.20. Nov. Dez. de 2011, p.02-07.

http://www. Conass.org.br/arquivos/file/apresenta_conte comigo_se.pdf> Acesso em: 12 de mai. 2010.